

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

de uma impressão, mas há estudos feitos e percentagens apuradas para alguns locais do Império.

O autor do presente trabalho descrê da maior parte das conclusões numéricas até hoje publicadas, porque as inscrições não representam igualmente todos os grupos de idades.

Analisando os estudos já feitos para diversas cidades e províncias do Império, acaba por concluir: «Embora seja provável que a média de duração da vida estivesse sujeita apenas a alterações sem importância, de um país para outro, o material epigráfico não possibilita o cálculo dessa média».

A. C. R.

Italian Renaissance Studies edited by E. F. JACOB. Londres, Faber & Faber, 1966, 508 pp.

A edição brochada deste livro saiu em 1966. Em 1960 aparecera, na mesma casa, a edição encadernada.

O organizador desta colecção de estudos sobre Renascimento Italiano, E. F. Jacob, é professor de História Moderna na Universidade de Oxford e pertence-lhe o capítulo inicial: «An approach to the Renaissance». O livro é dedicado à professora oxoniense de Renascimento Italiano, Doutora Cecilia Mary Ady (m. 1958) sobre quem aparece no fim do volume uma nota biográfica da autoria de John Hale.

Damos seguidamente uma lista dos restantes colaboradores e respectivos trabalhos: Denys Hay, «Italy and Barbarian Europe»; Roberto Weiss, «Italian Humanism in Western Europe»; J. R. Hale, «War and public opinion in Renaissance Italy»; L. F. Marks, «The financial oligarchy in Florence under Lorenzo»; Nicolai Rubinstein, «Politics and Constitution in Florence at the end of the Fifteenth Century»; D. M. Bueno de Mesquita, «Ludovico Sforza and his Vassals»; P. J. Jones, «The end of Malatesta rule in Rimini»; Peter Partner, «The 'budget' of the Roman Church in the Renaissance period»; E. H. Gombrich, «The early Medici as patrons of art»; Edgar Wind, «Maccabean histories in the Sistine ceiling»; Maurice Bowra, «Songs of Dance and Carnival»; John Sparrow, «Latin Verse of the High Renaissance»; Cecil Grayson, «Lorenzo, Machiavelli and the Italian language»; John Armstrong, «An Italian Astrologer at the court of Henry VII»; Charles Mitchell, «Archaeology and Romance in Renaissance Italy».

Todos os capítulos me pareceram interessantes, embora tenha lido com mais atenção os trabalhos de Roberto Weiss e John Sparrow: o primeiro, por inserir duas páginas sobre o Humanismo Italiano em Portugal; o segundo, por dar uma visão panorâmica da poesia neo-latina em que se valoriza a sua originalidade e conteúdo poético, com nítido progresso sobre os conceitos ultrapassados de Philippe Monnier, por exemplo.

Todavia, R. Weiss, a quem devemos estar gratos pelo seu interesse a respeito da cultura portuguesa, é levado pelas suas fontes bibliográficas, a americana Caro Lynn e o italiano Guido Battelli, a cometer alguns erros. Assim, baseado em Caro Lynn (1), informa erradamente que Cataldo Parisio Sículo teria ensinado em Coimbra (onde, aliás, não estava então a Universidade) até 1495. De facto, a única referência indirecta a Coimbra, que conheço, excluindo o título do seu discípulo D. Jorge, «dux Colubriae», como ele lhe chama, é a menção fortuita de uma cheia do Mondego, em *Epistole Cataldi*, d vj v.º Mas parece não ter vivido em Coimbra.

Guido Battelli (2), por seu turno, induz Weiss em erro, ao apresentar Luís Teixeira como autor da oração latina, dirigida a D. João II. Na realidade, ele foi apenas o tradutor para latim dum discurso pronunciado em português por seu pai o chanceler-mor João Teixeira, quando D. João II criou o primeiro marquês de Vila Real.

O livro apresenta ainda 40 gravuras em «couché»; e um competente Índice Onomástico e Ideológico, da autoria de Rosamond Leys.

A. C. R.

ELISABETH FEIST HIRSCH, **Damião de Góis**. The life and thought of a Portuguese Humanist, 1502-1574. The Hague, Martinus Nijhoff, 1967, xvi + 243 pp. (3).

O volume 19 dos *International Archives of the History of Ideas* é o livro da investigadora americana, de origem alemã, Elisabeth Feist Hirsch, sobre Damião de Góis. Trata-se de uma obra notável, acima do nível da produção corrente americana sobre temas do nosso século XVI. E a circunstância de ter sido publicada em inglês decerto lhe conferirá maior ressonância internacional, com vantagem para a divulgação, em meios universitários, de alguns aspectos da nossa história cultural quinhentista. Bem merece, pois, a Autora a nossa gratidão.

Entretanto, para que a recensão fique menos incompleta, mencionemos algumas limitações e deficiências deste importante estudo.

A limitação mais séria reside na falta de informação da Autora sobre literatura recente, publicada entre nós, a respeito de Cataldo Parisio Sículo, e da data da introdução do Humanismo em Portugal, que é bastante anterior à que vinha sendo admi-

(1) *A College Professor of the Renaissance — Lucio Marineo Siculo among the Spanish Humanists*, Chicago, 1937, 106-107.

(2) «La corrispondenza del Poliziano col re Don Giovanni II di Portogallo», *La Rinascita*, ii (1939), 280-298.

(3) Uma recensão ligeiramente diferente da actual foi publicada em *Colóquio* 48, Abril de 1968, p. 67.

tida até aqui. Vejam-se os artigos publicados em *Humanitas*, XV-XVI (1963-64) e XVII-XVIII (1965-66), e a bibliografia aí citada. E ainda o artigo «D. Diogo de Sousa e o Introdutor do Humanismo em Portugal», do autor destas linhas, na revista *Bracara Augusta*, XX (1966).

Um melhor conhecimento destes primeiros anos do século XVI (Góis nasceu em 1502) ajuda a compreender os incentivos de ordem intelectual que o futuro humanista encontrou na corte de D. Manuel, soberano menos alheado da cultura do seu tempo do que a Autora afirma (p. 6). Até as sugestões de tratar em prosa ou verso latinos os feitos ultramarinos dos portugueses, como não inferiores aos de gregos e romanos, de que Góis falava em 1540 (p. 102), haviam já sido formuladas em latim, perante a corte, em 1489 por Cataldo, e em 1504 pelo conde de Alcoutim.

Algumas questões de pormenor, de que versarei apenas duas, merecem também uma referência. Assim, na p. 165, a Autora declara que André de Resende não foi influenciado pelas opiniões do seu antigo mestre de Salamanca, Aires Barbosa, a respeito de Erasmo.

Mas quem nos garante que Barbosa foi sempre contrário ao humanista de Roterdão? Não é verdade que no *Erasmii Encomium* ele é incluído entre os admiradores do roterdamês por André de Resende? A seguir a D. Miguel da Silva, lá está o mestre de Grego de Salamanca:

*Hispanique sacer meritis honor orbis Areius
magnis cui debet quantum nunc Pallados illic
cultior usus habet: [...]*

E no longo *Carmen de poetis latinis*, que se encontra no Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, dos séculos XVI/XVII, e foi publicado no século XVIII pelo P. António dos Reis, no *Corpus Poetarum Lusitanorum*, I, 11-31, o seu autor, Pedro Sanches, não poupa o helenista: «E não soa desgracioso Aires, quando condena a errada *Stultitia*, ele que antes a louvara insensatamente» (1). Ora Pedro Sanches, um contemporâneo, estava mais informado que nós.

Na p. 193, a Autora considera a *Descrição de Lisboa*, de Damião de Góis, como género completamente novo em Portugal. Não é bem assim. Já existia a descrição e louvor de Santarém, feitos por Cataldo para a entrada solene da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, talvez não pronunciados, mas publicados no vol. 2.º das *Epistole* do humanista siciliano.

O livro da investigadora americana contém ainda afirmações vagas ou erros de facto que convém corrigir. Por exemplo, D. João III não foi apenas «um dos primeiros governantes a abrir um Colégio de Jesuítas» (p. 185), mas realmente o primeiro, quando autorizou a fundação do Colégio, em Coimbra, no ano de 1542.

Nicolau Coelho não foi o descobridor do Brasil, nem, provavelmente, o pai de Jorge Coelho (2).

(1) *Nec sonat illepide prauam qui damnat Arius
Stultitiam quam quidem olim laudauit inepte.*

(2) Cf. Luís de Matos, «Das relações entre Erasmo e os Portugueses», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, IV (1963), p. 246, n. 18.

Ainda, não deve recomendar-se (p. 171 n. 55) a leitura do artigo sobre Jerónimo Cardoso na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, sem corrigir o dislate que nessa enciclopédia faz do honesto humanista, leigo e bom pai de família, um «padre» com filhas.

Para terminar, cito um texto que não vi até hoje utilizado. Pertence à carta que Diogo Pires escreveu de Ferrara, em Fevereiro de 1547, a Paulo Jóvio, e refere-se a um dos períodos mais agitados da vida de Góis. Há um não sei quê de melancólico na maneira como o judeu errante Didacus Pyrrhus Lusitanus fala dos projectos de viagem do humanista à Índia, considerada refúgio de perseguidos. Quase se fica com a impressão de que Diogo Pires não augurava bem do regresso de Góis à Pátria. Eis o trecho da carta: «Damião de Góis, embora não seja alheio às Musas, devia ser colocado com mais propriedade entre os mecenas do nosso tempo, se os desleais franceses lho consentissem. Agora, segundo me consta, esse homem ilustre deixou a Bélgica, para onde se dirigia depois de ter sido libertado pelos franceses, e regressou ao seu Portugal, com a intenção, ao que penso, de navegar para a Índia, entre nós o mais seguro e o mais brilhante refúgio de infelizes» (1).

As reservas atrás feitas, e outras que poderiam formular-se, não empanam de modo conspícuo o luzimento do trabalho. E não podemos senão aplaudir ideias como a de que as «actividades humanísticas de Portugal merecem ser melhor conhecidas, especialmente porque floresceram num clima intelectual único».

A. C. R.

RUDOLF PFEIFFER — *History of Classical Scholarship*. From the beginnings to the end of the Hellenistic Age. Oxford, at the Clarendon Press, 1968, 312 pp.

«A história da Filologia Clássica é Filologia Clássica em elaboração. E um livro que reconstrua a sua história sob este aspecto pode pretender que o considerem uma parte integrante da própria Filologia». Estas palavras, escritas pelo Prof. Pfeiffer no prefácio do seu livro (p. vii), definem, num sentido certamente muito mais amplo do que era intuito do autor, o papel que ele deverá desempenhar, por longo tempo, na formação e informação de qualquer classicista. Obra densa, mas não

(1) «Nam Damianus Agois, quamuis nec ipse a Musis abhorreat, magis tamen si per foedifragos Gallos licuisset, inter nostri temporis Moecenates reponendus erat, et nunc uir ille, ut audio, Belgis relictis, quo se e Gallica custodia liberatus contulerat, ad Lusitanos suos se recepit animo, opinor, in Indiam nauigandi, certissimum apud nos et speciosissimum miserorum refugium».